

Cinema

GERALDO SANTOS PEREIRA



POR CAUSA DE UMA FRANCEZINHA

PERMANECE em mistério a razão da escolha de Elke Sommer para viver o personagem de uma movimentada e temperamental atriz francesa nesta deficientíssima comédia produzida por Edward Small e dirigida por George Marshall. Elke Sommer, apesar de toda a facilidade com que se despe, toma banho de espuma e ataca a gula

dos homens, não tem vivacidade, malícia e, afinal, esta qualidade imponderável de figura e astúcia intelectual que, entre outros, são alguns caracteres mais válidos de uma francezinha legítima. Além da inadequação psicológica ao personagem, a germânica «Didi» jamais ultrapassa a faixa que marca violentamente a presença do canastrão, sempre amarrado à sua inconfundível incapacidade de recriar uma figura distinta de si própria. A heroína alemã desta fita americana, apesar dos possíveis esforços de George Marshall e dos roteiristas Burt Styler, Albert Lewin e George Kennet, continua mais Elke Sommer do que o próprio Bob Hope como o corretor de imóveis «Tom Meade».

Esta «Divina Didi» é uma atriz francesa que só alcançou a fama pela comodidade com que entra numa banheira cheia de espuma de sabão. O título de «Rainha» que ganhou se refere, exatamente, a essa higiene e especialidade. Contratada para filmar em Hollywood, «Didi» rebela-se contra o despotismo do amante e empresário «Pepe» (C. Danova). A moça ambiciona papéis de atores. Ambição, ao que se vê, muito real, tentativa de numerosas profissionais do «entrip-tense». Em vez de papéis shakespearianos, «Pepe» apresenta a «Divina Didi», em sua primeira película hollywoodiana,

uma luxuosa e prosaica banheira inundada de espuma. «Didi» se revolta, recusa a higiênica função, abandona o «set» de filmagem, dá um «show» de vedetismo e vai esconder-se num hotel do Oregon. Uma troca de fios da mesa telefônica a põe em contato com «Tom Meade» (Bob Hope), que desejava falar com a esposa. O corretor de imóveis toma conhecimento das desventuras da «Divina Didi» e termina escondendo a rebelde num chalé que ele tenta vender, sem êxito. Acontece, em seguida, o inevitável: «Martha Meade» também vai passar um fim-de-semana no chalé, transformado em refúgio da vedeta desaparecida. O resto da chanchada se utiliza dos surrados quiproquôs, das correrias e das peripécias do gênero da pantomima suburbana que vem, de século para século, repisando as mesmas situações ambíguas do repertório cômico tradicional.

Apesar da prepotente presença de Elke Sommer, incapaz de fazer graça por sua pétrea canastronice, o indigente humorismo de «Por Causa de uma Francezinha» repousa unicamente em Bob Hope e em Phyllis Diller, uma comediantes sacrificada pela mediocridade de George Marshall, no papel de «Lily», a empregada bisbilhoteira da família «Tom Meade», vítima dos acessos temperamentais da «Divina Didi», o corpo que se rebela contra o sabão.

«Por Causa de uma Francezinha» é a autêntica chanchada internacional feita com luxo e muito dinheiro mas pouco talento e nenhuma originalidade. Uma irremediável e acachapante tolice, marcando melancolicamente o fim de carreira de Bob Hope que, na velhice, não parece respeitar seu próprio nome. O entrecho, escrito por três autores, é banal, primário, paupérrimo de incidência de detalhes e de «gags» menos surradas.

Cinema Novíssimo Reuniu-se em Fortaleza

RETIRANDO do programa toda a parte festiva, por motivo do falecimento do marechal Castelo Branco, a VI Jornada Nacional de Cineclubes e o II Festival do Filme Brasileiro de Curta-Metragem reuniram em Fortaleza a novíssima geração do cinema brasileiro. Constituída por jovens estudantes, em sua maioria do ciclo médio e universitário, esta geração articula seus primeiros passos no cinema. Quase todos, no entanto, aspiram à profissionalização e integram uma fileira de expressiva potencialidade para o futuro da atividade cinematográfica em nosso país.

Estivemos na capital cearense na dupla missão de representante do Instituto Nacional de Cinema e de jornalista. A função oficial nos permitiu trazer para o Departamento do Filme Educativo do INC, que dirigimos, uma experiência que nos parece muito útil para os trabalhos da autarquia, além da oportunidade de integrar na ação do INC, em fase inicial de trabalhos, o movimento cineclubístico que, no Brasil, empolga milhares de jovens, além de mobilizar pessoas de todas as classes sociais e, sobretudo, a mocidade estudantil e universitária.

TODO O BRASIL PRESENTE

Estiveram presentes a Fortaleza, de 19 a 23 últimos, representantes das seguintes entidades ligadas ao cineclubismo, ao cinema amador e a entidades educacionais e oficiais do país: Conselho Nacional de Cineclubes; Federação Internacional de Cineclubes; Federação Gaúcha de Cineclubes; Cine Clube Pró-Déu, de Porto Alegre; Serviço de Cinema da Secretaria de Educação do governo do Rio Grande do Sul; Centro de Cineclubes de São Paulo; Federação Norte-Nordeste de Cineclubes, Foto-Cine, clube Bandeirantes, de São Paulo; Clube de Cinema da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, de Assis, no Estado de São Paulo; Cineclubes Universitário, de Belo Horizonte; Clube de Cinema de Brasília; Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro, Cinemateca do Museu de Arte Moderna, do Rio; Cineclubes de Campo Grande, do Mato Grosso; Clube de Cinema da Bahia; Clube de Cinema de Sergipe; Cineclubes Projecção 16, de Recife; Cineclubes Tirol, de Natal; Cineclubes Federico Fellini, de João Pessoa; Universidade Regional do Nordeste, de Campina Grande; Clube de Cinema de Fortaleza; Cineclubes do DDC, de Crato; Cineclube 25 de Junho, de Fortaleza; Cineclubes Escola de Engenharia, de Fortaleza; Grupo de Estudos Cinematográficos de Messejana, no Ceará; Cineclubes Teresinense, de Teresina, no Piauí; Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas; Cineclubes do Recife.

Cerca de 200 cineclubistas de todos os quadrantes do país, além de educadores, estudantes, intelectuais e pessoas de diversas lotaram, durante quatro dias, as dependências do Teatro José de Alencar de Fortaleza, o mais curioso exemplar arquitetônico do rococó brasileiro, de feição única em todo o país. Naquele local foram debatidas inúmeras teses e posições, subordinadas ao tema básico, escolhido previamente: Cinema e Escola. Problemas como a instituição do ensino cinematográfico nas Universidades, nas escolas de nível médio, industrial e primário absorveram os trabalhos das comissões e do plenário, enquanto temas diversos, ligados prioritariamente aos caminhos para a profissionalização, que, via de regra, empolgam o interesse de grande contingente dos cineclubistas brasileiros, também foram abordados durante as sessões plenárias.

INC: UMA ESPERANÇA UNÂNIME

Este cronista pôde sentir, pessoalmente, durante os movimentados dias cearenses, a unânime esperança que a ação do Instituto Nacional de Cinema desperta nos de cineclubistas militantes do Brasil. Diversas sugestões foram dirigidas ao órgão federal, como, por exemplo, seu entrosamento com o Conselho Nacional de Reitores, o Conselho Federal de Educação e as Secretarias Estaduais de Educação para uma ação conjunta pelo estabelecimento oficial do ensino de cinema das Faculdades de Filosofia e nas escolas de nível médio, além de cursos técnico-profissionais nas Escolas Industriais da rede federal do Ministério da Educação e Cultura. Além disso, foi proposto ao INC estudo para a instituição de convênio com as diversas Federações nacionais de cineclubes para a criação de Grupos de Produção de Filmes

Educativos e Culturais, com verbas da autarquia e o aproveitamento de cineastas e pesquisadores das diversas regiões do país. Isto permitirá a descentralização da produção de filmes documentários, além de estimular o surgimento de inúmeros talentos que, por absoluta falta de amparo, nunca chegam a se firmar em suas diversas regiões. Solicitou-se também ao órgão presidido pelo sr. Durval Gomes Garcia a inserção, na revista «Filme e Cultura», publicação oficial do INC, de uma parte dedicada ao movimento cineclubista nacional, além da publicação das teses mais importantes, aprovadas em Fortaleza.

O prestígio que já desfruta nacionalmente o INC pode ser atestado pela indicação deste colunista para a presidência de honra da VI Jornada de Fortaleza. Isto significa que as responsabilidades da autarquia são ponderáveis. O numeroso contingente de participantes do movimento amadorístico e dos cineclubes brasileiro encaminha para o Instituto seus mais legítimos anseios de valorização de um trabalho cultural e pedagógico que interessa muito ao Brasil.

O II FESTIVAL DO CURTA-METRAGEM

Cumulativamente com a VI Jornada Nacional de Cineclubes, realizou-se também na bela capital do Ceará o II Festival do Filme Brasileiro de Curta-Metragem, com a projeção competitiva de mais de

duas dezenas de curta-metragens, alguns dos quais já premiados em certames do gênero. Decidiu o júri, no entanto, só incluir na premiação oficial as películas inéditas, enquanto as restantes, já premiadas ou com a participação de profissionais em sua equipe técnica e artística, poderiam concorrer ao prêmio especial do júri.

As projeções tiveram lugar também no Teatro José de Alencar, a partir de 21 horas e despertaram grande interesse. De modo geral o nível dos filmes concorrentes não alcançou nível excepcional, com exceção de alguns curtos que revelaram vocações positivas e insofismáveis.

Foi o seguinte o resultado da premiação outorgada pelo júri:

«Melhor Filme» (NCR\$ 1.000,00), oferecido pelo governo do Ceará: «O Interregno», de Minas Gerais; «Melhor Diretor» (prêmio Instituto Nacional de Cinema: direção de um documentário): Flávio Werneck, por «O Interregno»; «Melhor Fotografia» (prêmio Cinemateca: copiagem): Guacir Moraes Aranha, em «Você Tem uma Flor Que é Só Sua»; «Melhor Comunicação Social» (prêmio Secretaria da Cultura do Ceará: NCR\$ 500,00): «O Casqueiro», de São Paulo; Prêmio Especial do Júri (prêmio da Universidade Federal do Ceará: NCR\$ 500,00): «A Roda e Outras Estórias», de Sérgio Muniz. O júri também decidiu conceder uma citação especial

ao filme do cineasta cearense João Siqueira, que não concorreu ao certame, «A Rede de Dormir».

O CEARÁ VISTO E AMADO

Uma programação turística, social e cultural paralela aos dois certames foi carinhosamente organizada pela comissão organizadora, na qual se destacaram as devotas figuras de Eusélio Oliveira e Darci Costa. Assim se destacaram, entre as iniciativas programadas, o passeio ao sítio Ypioca, do sr. João Campos, na bela região de Maranguape, a visita às praias de Fortaleza e aos clubes Náutico e Libano, onde foram realizadas manifestações folclóricas, além do coquetel oferecido pelo Departamento de Turismo do Amazonas, a «avant-première», no luxuoso e imponente Cine São Luís, do filme francês de Georges Lautner, «Gallia», etc.

Além do caráter cultural que os dois certames de Fortaleza representaram, destacou-se o significativo sentido de confraternização que, durante quatro dias, aproximou brasileiros de norte e sul, leste e oeste, permitindo uma preciosa troca de idéias e de fecundas discussões do maior interesse para a cultura cinematográfica brasileira.

Em julho de 1968, na cidade de Brasília, a VII Jornada voltará a reunir pessoas que, em Fortaleza, estreitaram uma amizade que, na certa, servirá de estímulo e solidariedade humana aos valentes cineclubistas brasileiros.



A mesa diretora da VI Jornada, vindo-se da esquerda para a direita, o prof. Jaime Pinsky; a srta. Leda Maria de Sousa; o presidente da Federação Norte-Nordeste de Cineclubes, Eusélio de Oliveira; o representante do INC, redator desta coluna; o sr. Darci Costa, presidente do Clube de Cinema de Fortaleza; o escritor Márcio Macedo e, finalmente, o diretor da Cinemateca do MAM, Cosme Alves Neto.